

A pintura no tempo, o tempo na pintura

Ronaldo Brito

As pinturas aqui presentes fazem parte da série Tamanduás que há seis anos praticamente monopoliza a produção de Carlos Zilio. A figura peculiar do tamanduá, é verdade, já aparecera aqui e ali em quadros anteriores, nunca entretanto na qualidade de protagonista. Era mais uma daquelas formas imaginárias recorrentes, mais uma daquelas oblíquas alusões biográficas que forneciam a contrapartida vital imprescindível a um trabalho que, por princípio e instinto, desconfia da expressividade. Justo agora, no momento em que certa narrativa literária ganha força e ameaça ocupar o primeiro plano, irrompe uma volúpia espontânea de pintura, uma entrega ao ato mesmo de pintar que sempre fora tabu para esse artista intelectualizado, politizado, inevitavelmente às voltas com a História. A pequena História da Arte e a outra, a Grande.

O conteúdo de verdade existencial do tamanduá torna-se matéria intrínseca de uma pintura que nunca foi tão longe na mobilização de seus recursos técnicos e expressivos. O dito tamanduá, inseparável amigo de infância do pai do artista, nos idos de 1920, no interior do Rio Grande do Sul, conheceu uma morte trágica: despencou do corrimão da escada na ânsia de reencontrar seu protetor. E é assim, em queda livre, que o pintor resgata a memória do curioso animal topológico: de fato, morfologicamente, ele quase se auto-envolve. Do mesmo modo, arte e vida, indissociáveis, vêm a se auto-envolver. Aos sessenta anos, a vida cobra seus tributos. E a arte, se pretende retribuir a dedicação incondicional que lhe foi concedida, tem que responder à altura. De uma maneira ou de outra, o passado vibra sempre no presente: na simbólica figura paterna, responsável pelo retorno do intempestivo (e afetivamente indefeso) tamanduá; no labor cotidiano, ao longo de vinte anos, no atelier emblemático de Iberê Camargo – sob tantos aspectos, a encarnação da pintura moderna brasileira – ali mesmo onde Carlos Zilio se iniciara como assistente do Mestre no começo dos anos 1960. Passado inquietante, fantasmático, às vezes revelador, nos leva a enxergar coisas que jamais notamos embora vivam debaixo de nossos olhos. Exemplo

patente, literal: a mancha indelével, no chão de granito do corredor que conduz ao atelier, perfeita e inexplicavelmente idêntica à forma do tamanduá em queda livre. Não há outra saída senão fotografá-la, ampliá-la e montá-la em suportes de madeira que, retrabalhados em pinceladas soltas, serão colocados lado a lado com as telas na exposição.

Outra coincidência oportuna e sintomática: o impacto estético dos célebres quadros de Gerhard Richter a partir das fotografias dos extintos membros do grupo Baader-Meinhof. Eles detêm o poder de evocar o conflituoso passado do antigo militante político, nos anos da ditadura odiosa, sob uma forma pictórica plenamente satisfatória – pungentes, as telas de Richter nem por isso são menos distanciadas, clínicas até. Decididamente, pertencem ao mundo contemporâneo da técnica, onde a imagem é parte constitutiva da realidade. Há muito a memória coletiva consagrou-se, por unanimidade, memória fotográfica. Desde o começo, a série Tamanduás mimetiza o fotograma, o espaçamento regular de branco delimita a área de pintura negra. O que por si só assinala uma manobra tática de mediação – a memória íntima, premente, corre paralela ao curso objetivo do mundo. As telas de Zilio invertem, portanto, a equação de Richter. O pintor alemão expõe ambíguos retratos históricos, um pós-realismo da imagem soberana, tratada com a astúcia dos enganosos efeitos dramáticos de Warhol. A operação eficaz consiste em resumir o profundo trauma humano e político a um fenômeno midiático de superfície. Ao contrário, sob a influência da imagem meio onírica do tamanduá, à força de reiteração elevada quase à categoria de totem, deflagra-se aqui um processo de subjetivação pela pintura. Duas ou três décadas atrás, seria compulsório mencionar a elaboração do inconsciente e o trabalho do luto. Em todo caso, para a perplexidade do artista, as telas recentes se transformaram em lugares do tempo – demandam investidas sucessivas, reviravoltas inesperadas, como o sonho não se deixam dominar, parecem perseguir um objetivo secreto. A rigor, nunca ficarão prontas.

Mas esse artista pós pop, que acompanhava de perto as incansáveis e emocionantes performances pictóricas de Iberê Camargo, sabendo desde logo que não eram passíveis de repetição, não estavam mais ao alcance de sua geração, tratou de tomar suas contramedidas – abandona o óleo

virtuoso, utilizando sobretudo o esmalte industrial, diversifica meios e modos para evitar que toda essa sincera agitação pictórica sugira ilusionismo de profundidade e termine, isto sim, numa franca convulsão de superfície. Insistimos em buscar ilusão de profundidade nesse redemoinho de pintura apenas para retornar ao ponto de partida: o plano atual da tela. Só que esse plano agora é espesso, revoltado, carrega sombras do passado, ânsias de futuro.

Escrito para a exposição na Galeria Raquel Arnaud.
(3 de dez 2016/ 5 de mar 2017).

Copyright do autor Publicado em www.carloszilio.com